

Aeminiumqueer, a Cidade Armário: Quotidianos Lésbicos e Gays em Espaço Urbano

Aeminiumqueer, the Closet City: Daily Life of Lesbians and Gays in the Urban Space

Paulo Jorge Vieira

'Não te prives' – Grupo de Defesa
dos Direitos Sexuais
Coimbra - Portugal
pjvieira@gmail.com

Resumo

As relações entre espaço e sexualidade têm sido objecto de um interesse crescente pelas ciências sociais, com particular destaque para a Geografia Humana. No debate em torno da 'epistemologia do armário', proposta por Sedgwick (1994; 2004), e a sua espacialidade (BROWN, 2000; 2006) é reafirmado o olhar metafórico, mas territorializado, da presença do armário nas vivências urbanas da população lésbica, gay e bissexual. São apresentadas algumas das hipóteses em torno das sociabilidades homossexuais na cidade de Coimbra, salientando o facto desta população lésbica, gay e bissexual ter uma crescente visibilidade na cidade organizando-se fortemente em redes de amizade com um papel essencial nas suas sociabilidades. Deste modo, essa franja da população, constrói modelos de sociabilidade e vivência de determinados locais da cidade que funcionam como espaços de segurança e visibilidade e que têm vindo a ser apropriados por essa população.

Palavras-Chave: Geografia Social; Lésbicas e Gays; Espacialidade; Armário.

Abstract

The relations among space and sexuality have been object of an increasing interest by social sciences, particularly human geography. In the debate on the "epistemology of the closet" proposed by Sedgwick (1994 and 2004) and its spatiality (Brown, 2000 and 2006), it is reasserted the metaphorical, although territorialized, view of the presence of closet in the urban experiences of lesbian, gay and bisexual population. Some hypotheses about homosexual sociabilities in the city of Coimbra are presented, highlighting the fact that this lesbian, gay and bisexual population has increasing visibility in this city, strongly organizing itself in friend webs that play an essential role in its members' sociability. This way, this fringe of population build sociability and experience models in some sites of the city that work as security and visibility places and that have been appropriated by this population.

Keywords: Social Geography; Lesbians and Gays; Spatiality, Closet.



Introdução

As relações entre espaço e sexualidade têm sido objecto de um interesse crescente pelas ciências sociais, com particular destaque para a Geografia Humana, onde alguns dos seus campos disciplinares têm sido palco de extensa produção teórica e empírica sobre o tema. Pretendo, neste texto, avaliar a potencialidade do conceito/metáfora de armário, tal como Eve Kosofsky Sedgwick o teorizou no ensaio 'Epistemologia do Armário', no quadro da análise das relações espaciais e sociais que enquadram as leituras centradas em investigação geográfica.

Num primeiro momento, este texto faz um debate em torno da epistemologia do armário, proposta por Sedgwick (1994; 2004), e dos debates em torno da espacialidade do armário (BROWN, 2000; 2006) em que é reafirmado o olhar metafórico, mas espacializado, da presença do armário nas vivências urbanas da população lésbica, gay e bissexual (LGB). Assim, defendo que o carácter dúplice do armário, como espaço de repressão e de resistência, é potenciador da análise por parte da investigação urbana qualitativa dos quotidianos homossexuais.

Num segundo momento, apresento algumas das hipóteses sobre sociabilidades homossexuais na cidade de Coimbra, salientando o facto dessa população LGB apresentar uma crescente visibilidade na cidade o que pode ser indicado pela sua discursividade, em torno da orientação sexual, e pelo papel essencial das redes de amizade nas sociabilidades dos/as homossexuais – em particular dos jovens homossexuais estudantes universitários. Deste modo, se constroem modelos de sociabilidade e vivência de determinados locais da cidade que funcionam como espaços de segurança e visibilidade que, apesar de não serem marcadamente 'espaços gays', foram, e são, apropriados pela 'comunidade', construindo e vivendo neles as suas sociabilidades criando pois, essa 'aeminiumqueer'

Metodologia

Infirmado pela investigação disciplinar da Nova Geografia Cultural (JACKSON, 1989; ANDERSEN et al., 2003) e da Geografia Social Crítica (PNELLI, 2004; VALENTINE, 2001), em torno das sexualidades, neste trabalho foi dada particular atenção às metodologias utilizadas, pretendendo todo o processo de investigação promover a construção de um conhecimento emancipatório que revele essa outra cidade de Coimbra escondida na metáfora do armário.

A partir de um conjunto de metodologias qualitativas construí um possível esquisso metodológico que possibilitasse a investigação e a indagação dos modelos de sociabilidade urbana da população LGB da cidade de Coimbra. As minhas escolhas foram centradas na análise teórica realizada e em um modelo, onde se pretende criar um discurso sobre a cidade de Coimbra a partir de uma franja da população ausente quer da agenda científica, quer da agenda das políticas urbanas e das políticas sociais.

Neste contexto, debate-se inicialmente a dificuldade de delimitação de uma população estudada e, conseqüente, a impossibilidade da criação de uma amostra representativa o que levou à constituição de uma amostra a partir do efeito 'bola de neve', criando assim, um modelo de recolha

de dados, onde se destaca um inquérito aplicado junto da população LGB – em que tentei avaliar alguns dos hábitos quotidianos de consumo, nomeadamente os internos ao espaço urbano, bem como a elaboração de um mapa mental da cidade – e a realização de dez entrevistas semi-estruturadas, além de trabalho de campo etnográfico. Este foi um momento essencial do processo de investigação, através da observação participante, ou seja "o estabelecimento num lugar de molde a investigar, experienciar e representar os processos e as vivências sociais que ocorrem nesse lugar" (EMERSON, FRETZ & SHAW, 2002, p. 352) que, sendo o 'coração' do trabalho etnográfico, é também uma das áreas em que os cuidados metodológicos e teóricos terão que ser mais apurados. Este 'coração' decorre da possibilidade de, através da observação atenta e da participação activa no terreno, o investigador "entender os modos de ver, e os modos de vida das pessoas nos contextos do seu quotidiano e experiências vividas" (CRANG & COOK, 1995, p. 21).

Mas, para que essa tarefa tenha sucesso, questões como o papel do etnógrafo na população, mormente o seu papel mais ou menos activo nos quotidianos, as possibilidades de acesso a diferentes quadrantes dessa população, não se limitando a uma pequena amostra, e a facilidade de comunicação, seja no entendimento dos códigos linguísticos próprios, seja na facilidade de fazer reflectir o seu trabalho como investigador, constituem outras peças fundamentais da engrenagem etnográfica (CRANG & COOK, 1995, p. 21 - 30). No caso da investigação social e geográfica, junto da 'comunidade' lésbica, gay e bissexual, robustece-se o problemático acesso ao sujeito de estudo devido à invisibilidade social da população homossexual. No entanto, o facto de ser homossexual, facto este, ele mesmo, objecto de uma análise e reflexividade crítica que fui desenvolvendo e de ser dirigente de uma associação que intervém junto desta população, acredito ter funcionado como importante elemento facilitador para o acesso a essa população.

Tal aconteceu, devido à inexistência na cidade de Coimbra dos habituais espaços de encontro homossexual urbano, como bares ou discotecas homossexuais, ou de um centro comunitário gay e lésbico na cidade, dificultaria o acesso de um 'outsider', nomeadamente de um heterossexual, à comunidade que pretendia estudar. No entanto, um homem gay que conheça a cidade de Coimbra tem facilitada uma investigação de carácter qualitativo, por conhecer os 'códigos de acesso' à comunidade, nomeadamente através dessa forma não verbal de comunicação, que popularmente a 'comunidade' chama de 'gaydar' (a junção das palavras 'gay' e 'radar') que "funciona como uma das ferramentas primárias do reconhecimento identitário dentro da comunidade gay" (NICHOLAS, 2004, p. 60). O meu trabalho de campo foi, por isso, facilitado pelo uso desse instrumento de comunicação não verbal, o qual me levou a reconhecer algumas das situações de sociabilidade em espaços urbanos (veja-se o 'casal de namorados gays' que passeia num dos jardins da cidade) que de outro modo não seriam reconhecidas e percebidas.

Um Percurso pelo Armário

O conceito social de armário é uma das figuras centrais da minha defesa de uma leitura espacializada das vivências homossexuais, na cidade de Coimbra. Fruto das vivências da própria sociedade portuguesa, em torno da homossexualidade, a leitura proposta é a de que a cidade de Coimbra é demonstrativa de um conjunto de tensões que marcam na contemporaneidade as vivências homossexuais nessa sociedade e que se caracterizam na metáfora conceito de 'armário'.

É no ensaio 'Epistemologia do Armário', um dos textos fundamentais da 'teoria queer', que Eve Kosofsky Sedgwick propõe:

que muitos dos 'nós' principais do pensamento e da cultura ocidental do século XX estão estruturados, de facto fracturados, por uma crise crónica, hoje endémica, de definição da homo/heterossexualidade, sobretudo a masculina, e que está datada desde o final do século XIX (2004, p. 11).

A autora reforça o olhar bifocado sobre a metáfora do armário, note-se o carácter espacial desta metáfora como o assinalou Michael Brown no livro 'Closet Space' (2000), afirmando que, ao mesmo tempo, "o armário responde às necessidades representacionais mais íntimas" (SEGDWICK, 2004, p. 9) e, por outro lado, "o armário é a estrutura que melhor sintetiza a opressão gay deste século" (SEGDWICK, 2004, p. 11).

Assim, para os homossexuais o armário e as suas múltiplas construções societárias – a invisibilidade 'desejada' da homossexualidade, na cidade de Coimbra, por muitos homossexuais será disso um exemplo, constituem uma forma de resistência, pois como afirma Sedgwick "a epistemologia do armário conferiu à cultura e à identidade gay uma maior consistência ao longo desse século" (2004, p. 8), criando modelos específicos (invisíveis e codificados) de sociabilidade urbana, como sejam as formas de 'engate' em espaço público urbano.

Mas, o armário é também o símbolo da mentira e da opressão, pois "a robustez do armário é permanentemente confirmada" (SEGDWICK, 2004, p. 12), estando sempre presente no modo como as vivências sociais e espaciais se constroem. Como afirma Sedgwick: "ele continua a afirmar-se como um elemento fundamental do seu relacionamento social; por mais corajosos e francos que sejam, por mais afortunados quanto ao apoio das suas comunidades, serão poucos os gays em cujas vidas o armário deixa de constituir uma presença central" (2004, p. 8) num jogo, louco e esquizofrénico, em que "estar dentro do armário e sair do armário são imagens que interagem com regularidade" (2004, p. 11).

É nesse jogo de entrar e sair do armário, de assumir em ritmos, registos e espaços diferenciados, pois, como disse alguém, um dia: o mais difícil é assumir perante o 'eu homossexual', é nesse jogo com o armário que se faz o quotidiano dos homossexuais, um quotidiano de espaços públicos, semi-públicos e privados. Esse jogo é estranho, difícil e muitas vezes cheio de regras desconhecidas e incoerências fortes, como seja o discurso 'senso-comum' que continuamente nos remete para a invisibilidade do espaço privado, uma "incoerência (...), enfaticamente contida nos termos da distinção

entre público e privado" mas que ao mesmo tempo "corrói o actual quadro que regula a existência gay" (SEGDWICK, 2004, p. 10) codificando "um sistema excruciante de 'double blinds', duplo constrangimento ou duplo entrave, oprimindo sistematicamente as pessoas, identidades e comportamentos gay, minando os próprios alicerces da sua existência através de restrições contraditórias impostas ao discurso" (SEGDWICK, 2004, p. 11), ou seja, uma sociedade que coloca lésbicas e gays no 'quarto' (dizendo que esta questão é um aspecto estritamente privado) e oprimindo, com as críticas públicas à constituição de guetos urbanos, qualquer forma de visibilidade, e que controla os discursos e espaços de afirmação e visibilidade.

Assim, o espaço do armário constitui-se na realidade como metáfora de uma construção social e cultural, onde o conhecer e o conhecimento são elementos fundamentais da sua da cultura e na história do Ocidente, constituindo-se como "a maior controvérsia, na cultura de Novocentos, que é a (...) especificidade histórica da definição homo-social/homossexual" (SEGDWICK, 2004, p. 13). Desta forma, a problemática da definição de identidades sexuais coloca a questão da construção do conhecimento e, tal como a autora destaca, o modo como conhecimento e sexo se tornam conceptualmente inseparáveis. Neste sentido, os processos de auto-conhecimento tornam-se, no século XX, histórias para ultrapassar a ignorância, também sexual, num jogo em que "cognição, sexualidade e transgressão foram inclusive termos que a cultura ocidental associou entre si de forma obstinada, embora nem sempre coerente" (SEGDWICK, 2004, p. 14), reduzindo a questão do conhecimento e ignorância sexual à questão do conhecimento e ignorância homossexual. Por outras palavras, as questões da sexualidade foram 'contaminadas' pela "especificidade epistemológica da identidade e da condição gay" (SEGDWICK, 2004, p. 14) num processo, ainda hoje, inacabado e tantas vezes problemático quando falamos de expressão pública desse 'amor que não ousa dizer o nome', veja-se o caso das praças e ruas das nossas cidades.

Mas, 'sair do armário' significa antes de tudo, a possibilidade de expressar publicamente essa forma de amar, tal revelação pessoal, quando analisada a partir de um jogo de escalas (outra bela metáfora geográfica) mostra-nos:

quão limitada é a influência que uma revelação individual pode exercer sobre opressões de tipo social ou institucional. O reconhecimento dessa diferença de escalas não significa que as consequências do acto de sair do armário possam ser circunscritas a fronteiras pré-determinadas, algures entre a 'esfera pessoal' e a 'esfera política', nem nos devemos fazer esquecer que tais actos podem ser extremamente poderosos e perturbadores" (SEGDWICK, 2004, p. 19 - 20)

Como seja o 'pânico' social que um beijo de um casal lésbico ou gay pode aparentemente provocar numas das ruas da cidade de Coimbra. É pois, no espaço, nesse caso urbano, que o armário se pode plasmar tal como Michael Brown salienta, ao afirmar que no "espaço do armário, sendo simultaneamente discursivo e material, estas dimensões dependem e trabalham uma com a outra" (2006, p. 317). Este autor reafirma ainda, que "o armário como metáfora espacial prova a recusa, confinamento e ocultação das vidas e experiências

queer” (2006, p. 317). Todavia, na sua duplicidade como “estrutura espacial da heteronormatividade, o armário pode ser fixado como um local de opressão, mas pode ser também um local de resistência e criatividade” (BROWN, 2006, p. 317). É pois, nesta duplicidade que o espaço social da cidade de Coimbra pode ser analisado como expressão diversificada de modelos de opressão e resistência em espaços urbanos (BROWN, 2000).

Na obra ‘Closet Space’, Brown (2000) promove um debate entre a teorização de Eve Kosofsky Sedgwick e a teorização de Henri Lefebvre sobre a ‘produção espacial’ e suas inter-relações com a sexualidade. Ainda que, como outros autores (PURCELL, 2002), Brown realce o carácter heteronormativo da teorização de Lefebvre, salienta a espacialidade das relações e dos processos sociais que ele diferencia em ‘espaço concebido’, ‘espaço percebido’ e ‘espaço vivido’ (BROWN, 2000; PURCELL, 2002). É pois, em torno das práticas espaciais, “as significativas e as de prazer” (CHISHOLM, 2005, p. 68), que a população LGB da cidade de Coimbra se apropria da cidade num modelo em que a reafirmação do ‘direito à cidade’ (PURCELL, 2002) aparentemente se torna cada vez mais evidente nas suas práticas e discursos.

Coimbra: uma Cidade-Armário?

A cidade de Coimbra constitui um território onde o armário se torna presente como possível metáfora das vivências homossexuais, sentindo-se como ponto de partida a necessidade de (re)conhecer os modos de sociabilidades, vivência e percepção do espaço urbano da população LGB de Coimbra.

Procedendo à análise dos quotidianos da comunidade LGB e olhando para a construção social e espacial da própria cidade de Coimbra a partir dos discursos e práticas das lésbicas, gays e bissexuais, que acompanhei no trabalho de campo e que se constituíram como ‘vozes’ da construção desse conhecimento geográfico, desenvolvem-se assim, modelos próprios de apropriação do espaço urbano da cidade de Coimbra. Na busca por essa ‘outra cidade escondida’ parece-me fulcral uma avaliação da noção de orientação sexual, ao trabalhar os modelos de sociabilidade e vivência urbana a partir de uma auto-identificação específica em termos de orientação sexual, conceito este, o de auto-identificação, decorrente da teoria queer (MCMANUS, 2003). Mas, é necessário distinguir, no entanto, as diferenças entre orientação sexual homossexual e comportamentos homossexuais (INGRAHAM, 2004) e é por estas razões que os processos de auto-identificação como LGB têm sido cada vez mais usados na investigação social sobre homossexualidade. No inquérito realizado, questionei os inquiridos sobre como se identificavam, em função da orientação sexual, sendo os valores percentuais apresentados, de molde a que em conjunto com as entrevistas e a observação participante, avaliasse qual o conceito que a população LGB de Coimbra possuía da noção de orientação sexual.

A partir dos dados do inquérito, salientou-se a importância do olhar da orientação sexual como um direito, que representa exactamente 50% das respostas da amostra que trabalhamos, seguida da possibilidade ‘outros’, com 31% (que debateremos a seguir), e 17% dos inquiridos referiram

a orientação sexual como ‘um aspecto estritamente privado’. Relativamente a esta última, esse valor significará antes de tudo um modelo de protecção identitária, através da recolha no ‘segredo do lar’ da sexualidade, situação esta que na maioria dos casos reforça formas de homofobia e heterossexismo no espaço público (D’EMILIO, 2002). Essa questão, como John D’Emilio discute, é extremamente polémica dentro da própria comunidade e tem uma expressão geográfica ao promover uma lógica que reforça, de modo óbvio, a ‘não-expressão’ ou, se quisermos, a negação da performatividade da homossexualidade no espaço público (VALENTINE, 2004; DUNCAN, 1996), encerrando-a no privado. As respostas ‘outro’, que representam 31% da amostra, foram talvez o valor mais inusitado retirado do tratamento quantitativo. Uma análise, mais apurada das respostas escritas, demonstra que a maioria das escolhas recaíram sobre a justificação construída a partir de um raciocínio essencialista, que pretende ‘naturalizar’, e assim, ‘normalizar’ a orientação sexual homossexual. Através desse essencialismo, muitas vezes descrito como estratégico, os inquiridos poderão pretender naturalizar a orientação sexual como estratégia de defesa contra a discriminação social e cultural de que são alvo (RICHARDSON E SEIDMAN, 2002, p. 10 - 11), levando-os a assinalar a orientação sexual como algo “inerente à pessoa” ou “a todo o ser humano”, muitas vezes sendo afirmado que “algo de inato” e “algo definitivo no início”, sendo por isso “um facto”, “uma característica como todas as outras, por exemplo olhos azuis, ser canhoto, etc.”, “uma parte de nós próprios”, “um sentimento” e “uma forma de sentir e amar”.

Apesar da incidência elevada de respostas mais essencialistas, a maioria dos entrevistados assinalou a orientação sexual como um direito, reforçando, deste modo, um olhar sobre a sua sexualidade tendencialmente politizado, e onde a diferenciação nas relações de poder nas sociedades contemporâneas está presente:

Mas um direito porquê?... nunca teria parado para questionar, se fosse heterossexual, o porquê de ser heterossexual. Porque na sociedade em que vivemos, se a homossexualidade é ainda vista como um tabu, e por outro lado (todos) vemos os heterossexuais como ‘normais’ temos que, pelo menos nós (homossexuais) nos vemos como normais (Ivo, 22, estudante).

Deste modo, a orientação sexual é vista, pois, como um direito da pessoa humana, centro da sua própria identidade, como refere outro entrevistado, pois:

é inalienável, quer dizer, ninguém pode alienar uma parte de si própria, sob pena de a pessoa não ser ela própria, e de andar completamente enganada na vida e eu acho que além de um direito deveria ser um dever, também (Miguel R., 28, professor universitário).

Assertivamente o grupo de homossexuais estudados, salienta, diferentes olhares sobre o próprio conceito de orientação sexual aleitando, deste modo, possibilidades de percepção e avaliação da presença no espaço urbano da cidade desta população. Neste sentido, metáfora do armário é, pois, um elemento fundamental das vivências sociais da ‘comuni-

Aeminiumqueer, a Cidade Armário: Quotidianos Lésbicos e Gays em Espaço Urbano

dade' LGB de Coimbra.

Isto porque estas vivências são marcadas pela invisibilidade – o armário – da homossexualidade no espaço urbano. Ainda assim, são crescentes as formas de visibilidade (social e inter-pessoal) da comunidade, que tentámos avaliar no inquérito através da pergunta sobre 'quem conhece a sua homossexualidade?'. Uma análise mais cuidada dos dados do inquérito, salienta, não apenas a importância dos amigos (78% dos inquiridos afirma que os amigos conhecem a sua orientação sexual), como ainda a família (45% dos casos). Acrescente-se ainda, o grande número de casos em que os colegas de trabalho conhecem a orientação sexual do inquirido (24%) e a existência de 12% de casos em que toda a gente conhece a sua orientação sexual, fruto de alguma aparentemente crescente visibilidade inter-pessoal da população gay e lésbica na sociedade portuguesa.

Alguns dos entrevistados salientaram a importância que a cidade de Coimbra teve no seu processo de 'saída do armário', como seja o caso do Sílvio, originário de uma pequena aldeia serrana do distrito de Santarém e que encontra em Coimbra possibilidade de acesso a informação, que o ajuda a assumir a sua homossexualidade e a construir uma identidade pessoal:

Mas a partir dos 19/20 anos, principalmente desde que vim aqui para Coimbra... digamos que foi uma transição bastante abrupta, nível de informação, a nível de liberdade, a nível de muita coisa... que comecei a ter acesso a mais informação... e a questionar muita coisa. (...)

Quem vem de uma aldeia pequena e fechada e passa para uma cidade... como Coimbra... que pode não ser muito grande... mas que é uma cidade... isso é um aspecto de liberdade em muitos aspectos. É a questão da independência... e a questão da... de tudo! Começar a fazer as coisas por mim... a desenrascar-me!" (Sílvio, 25, engenheiro, ênfase minha).

Mas, se no caso do Sílvio a cidade de Coimbra foi um espaço de liberdade que, de algum modo, facilitou o 'saída do armário' e as sociabilidades homossexuais, já no caso do Daniel C. regista-se uma grande desilusão com a cidade. Originário do interior norte do país, este jovem de 25 anos afirma que ao vir estudar para Coimbra:

Pensei que seria mais fácil num meio como o de Coimbra tornar pública a minha homossexualidade! Isso não aconteceu... não houve meios que possibilitassem isso [isto porque] estava à espera de não encontrar um espaço tão homofóbico, mais dado à variedade! O que eu encontrei foi exactamente o contrário... foi um espaço extremamente heteronormativo, que não possibilitava relações entre pessoas do mesmo sexo. É que pelo menos aparentemente, além de as não possibilitar, censurava-as... e continua e censura. E os espaços que eu encontrei também não... os espaços de convívio, públicos, como discotecas e bares... também não eram sítios que poderiam facilitar esse tipo de convivência... (Daniel C., 25, estudante, ênfase minha).

Para a população LGB, as relações com outros homossexuais tornam-se um elemento essencial das suas socia-

bilidades quotidianas o que me levou a questionar com que intensidade, temporal, a/o inquirida/o convivia com outros/as lésbicas, gays ou bissexuais, tendo o tratamento dos dados revelado a importância destas sociabilidades: 73% da amostra convive diariamente com outros homossexuais e 23% com uma regularidade semanal. Este dado é significativo em termos de uma leitura geográfica, pois tais modelos de convívio e sociabilidade são espacializados em locais de encontro, com uma localização geográfica específica. Por essa razão, no inquérito avaliou-se os locais de encontro da comunidade através de uma questão de resposta múltipla em que foram dadas seis hipóteses específicas e a hipótese 'outros'. Da análise dos dados resulta que: 64% dos inquiridos refere que um dos 'espaços' de convívio com outros homossexuais é a Internet, seguindo-se bares e discotecas gays (58%) e associações (47%), o que reforça, por outro lado, a importância percebida dos espaços e fóruns exclusivos desta população. Devido à invisibilidade social e cultural da própria 'comunidade' e à dificuldade de 'recriar' espaços públicos, as 'festas privadas' (35%) são um dos espaços importantes das sociabilidades homossexuais na cidade de Coimbra.

Mas, como referido anteriormente, a Internet constituiu-se como o espaço virtual de maior importância (64 %) para os inquiridos. Este facto tem sido exaustivamente estudado por cientistas sociais, os quais salientam, a centralidade que o espaço virtual teve nas mudanças das sociabilidades lésbicas, gays e bissexuais, ao promover formas de contacto facilitadas entre os membros desta população (BROWN, MAYCOCK & BURN, 2005), em especial em populações fechadas e com pouco acesso a locais exclusivos de encontro homossexual, como é o caso da cidade de Coimbra.

A investigação feita sobre o impacto das redes de Internet nos espaços rurais (HAAG & CHANG, 1997) reforça o papel desta no combate à homofobia e heterossexismo, promovendo ao mesmo tempo um mais apurado contacto entre membros de uma determinada 'comunidade'. Na Internet, essa população promove, deste modo, formas de criar novos laços gerando, é verdade, novos vínculos sociais e comunitários, mas também novas hierarquias e novos mitos (BROWN, MAYCOCK & BURN, 2005). Isto porque na Internet, aparentemente, não existem constrangimentos em se expor, ou expor ideias; essas tecnologias possibilitam um novo mundo de referências. Utilizando uma metáfora espacial, muito usada por especialistas desta área, as comunidades virtuais reconstituem-se como espaços, talvez perdidos, que metaforicamente poderão ser vividos como 'praças públicas', em particular devido à importância dos 'chats' e dos sistemas de conversa em tempo real. A Internet é, por isso, um 'espaço' de importância fundamental na construção das redes informais que constituem o núcleo duro das sociabilidades da população estudada e que se sedimentam, através das 'redes de amigos'.

As relações de amizade, apesar de praticamente ausente da investigação geográfica, são uma área de crescente interesse por parte das ciências sociais, destacando-se a investigação em torno da importância da amizade entre homossexuais, que corresponderão às 'comunidade invencíveis' com que Peter Nardy intitula o seu livro 'Gay men's friendships – invincible communities' (1999).

Apesar da amizade ser encarada essencialmente

Aeminiumqueer, a Cidade Armário: Quotidianos Lésbicos e Gays em Espaço Urbano

como um processo emocional e psicológico, ela é também “um processo social embebido nas instituições sociais, nas normas culturais e nas oportunidades estruturais” (NARDI, 1999, p. 1), e, sendo um ‘facto social’, é também um ‘facto espacial’, tendo por isso uma geografia própria. Ou seja, a amizade, em espaços onde se expressa, é ao mesmo tempo condicionada por factores geográficos, como o destacam os discursos sobre espaços de sociabilidade dos meus informantes sobre os hábitos de consumo, pois a investigação realizada (VIEIRA, 2005-a) confirma em alguns aspectos, que “uma narrativa central das vidas dos homens gay é aquela que reforça o quanto os amigos são importantes para eles, como é que ‘a rica rede de amigos’ é como uma família” (NARDI, 1999, p. 6). Os amigos homossexuais são, assim, uma fonte de afecto e apoio na sociedade heteronormativa, mas são, também, o ‘outro eu’, ‘other selves’ (NARDI, 1999), aqueles com quem poderemos ser autênticos e verdadeiros connosco e com o ‘outro’, como salienta o Ivo:

se calhar, o convívio com ou o convívio maioritário com homossexuais seja melhor porque (...) não haverá talvez como que barreiras de linguagem, ou como estamos a falar de coisas que, que supostamente ambos sabemos o que é, a comunicação é mais fácil do que provavelmente se eu tivesse algum tipo de conversas que tenho com os meus amigos homossexuais com heterossexuais, seria mais complicado eles entenderem o meu ponto de vista ou, ou de me tentarem aconselhar (Ivo, 22, estudante).

Assim, os amigos gays são essa fonte em que os homens gay verificam e expandem o seu sentido de ‘self’ enquanto gays, onde se apreendem as ‘regras’ e os códigos de sobrevivência no espaço, neste caso no espaço urbano de Coimbra, como realça na sua entrevista um dos meus informantes:

se estou com os meus amigos que são homossexuais, nós também tornamos o espaço bastante mais homossexual. Temos um suporte – não estamos isolados ali –, é um grupo de amigos homossexuais a conviver no espaço público, a dar e receber apoio uns dos outros... a tornar as suas vivências mais descontraídas porque existe uma espécie de protecção... (Daniel C, 25, estudante).

No início do processo de investigação tinha consciência de que o melhor método/caminho para analisar as espacialidades públicas da (homo)sexualidade na cidade de Coimbra seria através das práticas de lazer e tempos livres e, entre estas, as práticas e consumos de lazer nocturno, nomeadamente cafés, bares e discotecas, pois estas constituem-se como elementos fundamentais das sociabilidades homossexuais. Da experiência de campo, reconheço a importância de alguns desses espaços para a população LGB de Coimbra, nomeadamente através da categorização que esta fazia de determinados espaços como sendo gay-friendly, num processo de apropriação destes por esta mesma comunidade.

A análise dos dados do inquérito confirma também a importância das ‘sociabilidades caseiras’, quase 50% dos casos, seja em habitação própria ou em ‘casa de amigos’, o que reforça mais uma vez a forte tendência para as vivências lésbicas, gay e bissexuais se fecharem no espaço privado, longe do olhar público, da heteronormatividade e das diferentes formas

de discriminação (JOHNSTON E VALENTINE, 1995). De seguida, surgem outras formas de lazer e ocupação dos tempos livres situadas em espaço público como sejam estar em cafés, bares ou no ‘shopping’ (37%) e ir ao cinema (37%) ou o desporto, em especial nos ginásios (com 16%). A Internet e os ‘locais de engate’ surgem com os valores de 12% e 9% respectivamente, correspondendo a situações mais específicas desta ‘comunidade’ e, apesar de serem valores relativamente baixos, adquirem alguma importância por representarem os dois tipos de formas de lazer que a população pode utilizar como modelo de sociabilidade própria.

Mas, é na análise dos cafés/pastelarias e bares/discotecas frequentados pelos inquiridos que ressaltam alguns dados interessantes sobre as vivências e sociabilidades espaciais da ‘população LGB de Coimbra’, o que demonstra a importância que este tipo de espaços tem nas sociabilidades contemporâneas e que são confirmadas pelos geógrafos britânicos Eric Laurier e Chris Philo num conjunto de publicações (LAURIER & PHILO, 2004-A, 2004-B, 2005), em que são reafirmadas as inter-relações entre os ‘cafés’ e vida cívica nas cidades contemporâneas, em especial a importância destes na ‘esfera pública’ social, “como uma arena chave no discurso público entre os indivíduos” (LAURIER & PHILO, 2005, p. 2), salientando, ‘como é que o café é um local distintivo de comunitarismo, ordenamento social, sociabilidade, convivialidade e vida cívica’ (LAURIER & PHILO, 2005, p. 3), e como é que este reproduz modelos de relações de poder das sociedades actuais.

A análise dos dados demonstra claramente a existência de espaços centrais da cidade que têm uma importância bastante grande nos hábitos de consumo da ‘comunidade’ lésbica, gay e bissexual, o que confirma e reforça dados da observação participante e das entrevistas, infirma a possibilidade dessa população desenvolver um modelo de sociabilidade, consumo e apropriação desses espaços que ultrapassa as características iniciais para os quais eles foram criados, e cria, ou possibilita, um conjunto de vivências que marcam a expressão pública das vivências homossexuais na cidade. Deste modo, alguns desses espaços ‘vão-se tomando espaços da comunidade’ apenas porque esta se foi deles apropriando, nos seus ‘códigos de conduta’ e nas suas sociabilidades, criando um efeito de apropriação específica destes espaços semi-públicos.

Uma das questões que convém realçar da análise é que esses valores reforçam, também, o viés que essa amostra tem 49% da amostra são estudantes ou estudantes/trabalhadores, ao realçar espaços de convívio académico centrados geograficamente sobre a Praça da República. A verdade é que, na ‘micro-geografia’ dos cafés da Praça da República, – um dos espaços centrais das vivências e sociabilidade juvenis da cidade de Coimbra –, a ‘comunidade’ LGB da cidade faz uma profunda diferenciação dos cafés aí existentes. É, portanto, o conhecimento, a ‘fama’, que a comunidade tem de um destes espaços, o mais representado no inquérito, sendo por isso importante perceber que é a performatividade social da ‘comunidade’, através das redes de amizade, que faz identificar este espaço como atractivo à comunidade, tal como o Ivo o diz:

é um espaço relativamente gay-friendly e... foi em conversas que fui tendo com pessoas que fui conhecendo que esses espaços vieram ‘à baila’. Nunca foi algo que me tivesse apercebido, porque realmente os comportamentos de carinho de que fa-

Paulo Jorge Vieira

Aeminiumqueer, a Cidade Armário: Quotidianos Lésbicos e Gays em Espaço Urbano

lâmas há pouco não são muito evidentes na cidade. (Ivo, 22, estudante)

Assim, a partir das performatividades de grupo e das redes de amizade, a comunidade vai construindo este tipo de espaços, que designa por *gay-friendly* e que se tornam nos espaços fundamentais da própria comunidade por permitirem uma sociabilidade, em espaço público, da homossexualidade como refere o Daniel C.:

Pela minha experiência, lá está, eu quando estou com amigos que são homossexuais... as conversas que se desenvolvem entre nós, são... estamos completamente à vontade para o tema da homossexualidade... podemos olhar para rapazes à vontade... Por isso, acho realmente importante, que haja convívio entre os homossexuais, porque realmente facilitará com que este tipo de situações decorra... e as consequências disso irão acabar por se reflectir no tempo. São estas pequeninas coisas que precisamos de começar a desenvolver (Daniel, 25, estudante).

Percorrendo um pouco as horas do dia, é interessante analisar os hábitos de consumo de diversão nocturna da 'comunidade' lésbica, gay e bissexual. A 'noite' é por excelência o tempo de sociabilidade mais importante dessa comunidade, em função dos ritmos do quotidiano hedonista das cidades contemporâneas e de o facto de a noite permitir um menor controlo social. Neste sentido, 'sair à noite' ou ir 'beber um copo' é um elemento fundamental das sociabilidades (homo)sexuais ao promover formas de encontro longe dos modelos clássicos de controlo e devir social: a família e o emprego.

Relativamente ao estudo efectuado salienta-se, pois, a importância estratégica que um determinado espaço, um bar, situado na 'alta' de Coimbra, referido por 55% dos inquiridos e sendo de longe o espaço que recolhe o maior interesse por parte da 'comunidade' LGB de Coimbra. A importância desse bar é acrescida, não apenas por ser um importante espaço de sociabilidade, mas também por ser um dos espaços visíveis da comunidade, e como elemento central do reforço social do papel das redes de amigos na construção não heteronormativas das sexualidades homossexuais. Neste sentido, são espaços onde a possibilidade de encontro e de conversa longe de algum olhar discriminatório ou preconceituoso são essenciais para os membros da comunidade, e da qual ela se vai apropriando pouco a pouco, como o relatou o Daniel C.:

Entretanto apercebi-me que na cidade existem espaços pontualmente marcados pela existência de homossexuais. O que faz com que tenha visto cada vez mais comportamentos homossexuais públicos, de convivência homossexual público, nomeadamente manifestações de carinhos e troca de afectos, como neste bar, que será um de... o espaço público onde isso se verificou (Daniel C., 25, estudante).

Efectivamente, ao longo do trabalho de campo, foi possível assistir nesse bar a convívios diversos, a sessões de poesia homo-erótica ou a aniversários de jovens homossexuais num processo em que a comunidade 'espalha' entre si a 'palavra' de que determinado espaço é *gay-friendly*.

É pois, este modelo de apropriação que torna alguns espaços da cidade como 'espaços apetecíveis', espaços

gay-friendly, aonde apesar da presença de lésbicas, gays e bissexuais, os espaços não perderam a sua 'identidade pública', sendo sim apropriados pela comunidade.

Conclusão

A cidade de Coimbra percebida pela população LGB constitui-se assim, nessa metafórica 'aeminiumqueer' em que o quotidiano heteronormativo sentido por essa população é (re)apropriado de molde à criação de vivências que possibilitem uma mais adequada e positiva percepção da sua própria sexualidade.

Essa população, que longe de se constituir como uma comunidade inscreve assim no seu quotidiano a apropriação de espaços da cidade (a casa, o café ou o bar) criando modelos de sociabilidades crescentes em que a em que o armário (enquanto segredo) se produz como modelo de resistência, ou mesmo de combate à homofobia e à heteronormatividade.

Estamos, pois, perante uma população, essencialmente as suas franjas mais jovens, que a partir da importância estruturante das redes de amizades nas vivências comunitárias e dos tempos de lazer constrói um olhar diferenciado sobre o espaço urbano da cidade de Coimbra ausente das políticas sociais e urbanas da própria cidade.

Coimbra é pois, uma cidade onde a 'marca' da heteronormatividade pode ser ela mesmo a constituinte de um olhar crítico por parte dos jovens LGB que residem na cidade e que assim refazem nos seus quotidianos esse armário conferindo-lhe uma resignificação que muda o olhar que teremos sobre a cidade.

Notas

1 Este texto nasceu de um trabalho de investigação científica realizado no âmbito do Seminário de Geografia Humana da Licenciatura em Geografia da Universidade de Coimbra, orientado pela Professora Doutora Fernanda Delgado Cravidão, a quem agradeço o apoio e provocação nos meus anos de formação inicial. Deixo ainda, um agradecimento especial, a Ana Cristina Santos pela amizade e provocação intelectual que vamos partilhando. Este trabalho é particularmente devedor daqueles – a minha 'família de facto' – que partilham o meu quotidiano de 'flanêur queer' na cidade de Coimbra e a quem agradeço as horas de conversa e discussão em torno de algumas destas ideias. Ao Adalberto Guesser, Daniel Frazão, João Cruz, Mário Dinis, Miguel Nogueira, Rafael Mascaretti o meu sincero obrigado por tudo.

2 A expressão 'aeminiumqueer' surge da justaposição do nome latino da cidade existente onde hoje se situa o espaço urbano da cidade de Coimbra, a que é acrescentada a palavra anglófona 'queer'. Esta expressão corresponderá assim à metáfora das vivências homossexuais no espaço urbano de Coimbra.

3 Foram aplicados 53 inquéritos: 40 a homens (gays ou bissexuais) e 13 a mulheres (lésbicas ou bissexuais). As 10 entrevistas correspondem a 7 homens (gays ou bissexuais) e 3 mulheres (lésbicas ou bissexuais).

4 Este tipo de estruturas, habitualmente de âmbito municipal e existente em grande parte das cidades médias europeias (em Portugal existe apenas um deste centros em Lisboa) funciona como espaço de encontro e sociabilidades das comunidades lésbicas, gays e bissexuais de determinado espaço urbano ou região.

5 No inquérito eram fornecidas as seguintes hipóteses: 'um direito', 'um estilo de vida', 'um aspecto estritamente privado' e 'Outro. Qual?'

Paulo Jorge Vieira



Aeminiumqueer, a Cidade Armário: Quotidianos Lésbicos e Gays em Espaço Urbano

6 As hipóteses do inquérito foram as seguintes: 'Internet', 'Festas Privadas', 'Bares ou Discotecas Gay', 'Associações', 'Marchas e Arraiais Gay', 'Locais de Engate', 'Outros. Onde?'

7 Ao longo da minha observação participante foi-me dado observar e a importância deste tipo de convívio, como foi a 'sardinhada gay' em que estive a 10 de Junho de 2005 em casa de um casal de informantes com a presença de quase duas dezenas de gays residentes na cidade de Coimbra.

8 Mas, também, as relações entre heterossexuais e homossexuais têm sido palco de uma profícua investigação, nomeadamente as da 'intimidade' entre homens gays e homens heterossexuais (FEE, 2000), ou o poder de transformação social e cultural das relações de amizade entre homossexuais e heterossexuais, tema da etnografia narrativa escrita por Lisa M Tillmann-Healy, intitulada 'Between gay and straight – understanding friendship across sexual orientations' (TILLMANN-HEALY, 2001).

9 Algumas das minhas notas de campo referenciam esta questão como sejam as de 18/11/04, 25/01/05, 25/03/05, 06/06/05 e 09/07/05. Saliendo ainda a reflexão em torno do processo etnográfico e da amizade nas notas de 24/05/05 e 25/05/05.

10 Essa expressão anglófona é porventura a melhor fórmula de expressar o sentido que este tipo de espaços tem para a 'comunidade' lésbica, gay e bissexual, que se plasma nos dados recolhidos.

11 No inquérito foi pedido aos inquiridos a inscrição em linhas brancas de três locais destes dois tipos, tendo depois sido feito um quadro em SPSS com todos os locais. A tarefa seguinte foi retirar todos aqueles que tivessem menos de três referências e que correspondiam na sua maioria a locais situados nas áreas periféricas da cidade (tipo o 'café do bairro').

12 Na esteira de Michel Brown (2000), em defesa do carácter fechado das vivências da população LGB evita-se neste texto as referências a locais específicos da cidade.

Referências

BROWN, Graham; MAYCOCK, Bruce; BURNS, Sharyn. Your Picture is Your Bait: Use and Meaning of Cyberspace Among Gay Men. **The Journal of Sex Research**, vol. 42, nº 1, p. 63 - 73, 2005.

ANDERSEN, Kay; DOMOSH, Mona; PIEL, Steve; THRIFT, Nigel. A rough guide. In: ANDERSEN, Kay; DOMOSH, Mona; PIEL, Steve; THRIFT, Nigel (orgs.). **Handbook of Cultural Geography**. Londres: Sage Publications, 2003, p. 1 - 35.

BROWN, Michael. **Closet Space – geographies of metaphor from the body to the globe**. Londres: Routledge, 2000.

_____. A geographer reads Geography Club: spatial metaphor and metonym in textual/sexual space, **Cultural Geographies**, vol. 12, p. 313 - 339, 2006.

CHISHOLM, Dianne. **Queer Constellations – Subcultural Space in the Wake of the City**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2005.

CRANG, Michael; COOK, Ian. **Doing Ethnographies**. Londres: Environmental Publications, 1995.

D'EMILIO, John. **The World Turned – es-**

says on gay history, politics and culture. Durham: Duke University Press, 2002.

DUNCAN, Nancy. Renegotiating Gender and Sexuality in Public and Private Spaces. In: DUNCAN, Nancy. **Body Space – destabilizing geographies of gender and sexuality**. Londres: Routledge, 1996. p. 127 – 145.

EMERSON, Robert; FRETZ, Rachel; SHAW, Linda. Participant Observation and Fieldnotes. In: ATKINSON, Paul; COFFEY, Amanda; DELAMEON, Sara; LOFLAND, John; LOFLAND, Lyn. (orgs.) **Handbook of Ethnographies**. Londres: Sage Publications, 2001. p. 352 - 368.

FEE, Dwight. 'One of the guys': Instrumentality and Intimacy in Gay Men's Friendships With Straight Men. In: NARDI, Peter (org.). **Gay Masculinity**. Londres: Sage Publications, 2000, p. 44 – 65.

HAAG, Anthony;. CHANG, Franklin. The impact of electronic networking on the lesbian and gay community. In: SMITH, James Donald; MANCOSE, Ronald (orgs.). **Rural Gays and Lesbians – building on the strengths of communities**. Binghamton: The Harrington Park Press, 1997. p. 83 – 94.

INGRAHAM, Chrys. Heterosexuality: It's Just Not Natural! In: RICHARDSON, Diane; SEIDMAN, Steven (orgs.), **Handbook of Lesbian and Gay Studies**. Londres: Sage Publications, 2004, p. 73 – 82.

JACKSON, Peter. **Maps of Meaning**. Londres: Routledge, 1989.

JOHNSTON, Lynda; VALENTINE, Gill. Wherever I Lay My Girlfriend, That's My Home: The Performance and Surveillance of Lesbian Identities in Domestic Environments. In: BELL, David; VALENTINE, Gill (orgs.). **Mapping Desire, Geographies of Sexualities**. Londres: Routledge, 1995. p. 99 – 113.

LAURIER, Eric; PHILO, Chris. **The Cappuccino Community: cafés and civic life in the contemporary city**. Glasgow: University of Glasgow. 2004a.

_____. **The Cappuccino Community: cafés and civic life in the contemporary city (Field Report 1: the basics of becoming a barista)**. Glasgow: University of Glasgow, 2004b.

_____. **The Cappuccino Community: cafés and civic life in the contemporary city (Field Report 2: One or several cafés: an ethnographic report)**. Glasgow: University of Glasgow, 2005.

MCMANUS, Sally. **Sexual Orientation Researching Phase 1: A Review of Methodological Approaches**. Edinburgh: Scottish Executive Social Research, 2003.

NARDI, Peter. **Gay Men's Friendships – invincible communities**. Chicago: Chicago University Press, 1999.

NICHOLAS, Cheryl. Gaydar: eye-gaze as identity recognition among gay men and lesbians. **Sex-**

**Aeminiumqueer, a Cidade Armário:
Quotidianos Lésbicos e Gays em Espaço Urbano**

uality & Culture, vol 8, nº 1, p. 60 - 86, 2004.
PANELLI, Ruth. **Social Geographies – From Difference to Action**. Londres: Sage Publications, 2004.
PURCELL, Mark. Excavating Lefebvre: the right to the city and its urban politics of the inhabitant. **GeoJournal**, vol. 58, p. 99 - 108, 2002.
RICHARDSON, Diane; SEIDMAN, Steven. **Handbook of Lesbian and Gay Studies**. Londres: Sage Publications, 2002.
SANTOS SOLLA, Xosé. Espacios disidentes en los procesos de ordenación territorial. **Documents d'Análisi Geogràfica**, vol. 40, p. 69 - 104, 2002.
SEDGWICK, Eve Kosofsky. **Epistemologia del Armário**. Barcelona: Ediciones de la Tempestad, 1994.
_____. **Epistemologia do Armário**. Coimbra: Angelus Novus, 2004.
TILLMANN-HEALEY, Lisa. **Between Gay and Straight – understanding friendship across sexual orientations**. Walnut Creek: Altamira Press, 2001.
VALENTINE, Gill. **Social Geographies – Society & Space**. Essex: Pearson – Prentice Hall, 2001.
_____. Queer Bodies and the Production of Space. In: RICHARDSON, Diane; SEIDMAN, Steven (orgs.), **Handbook of Lesbian and Gay Studies**. Londres: Sage Publications, 2002. p. 145 – 160.
VIEIRA, Paulo Jorge. **Aeminiumqueer – Quadro teórico e Estudo Exploratório**. Coimbra: Instituto de Estudos Geográficos, 2005.
_____. Torcendo o Espaço – Geografia Social e Cultural e os Estudos Lésbicos, Gay e Queer. Comunicação apresentada do **Colóquio de Estudos GLQ – “Culturas, Identidades, Visibilidades”**, organizado pela Associação Janela Indiscreta e pelo Instituto Franco-Português, Lisboa, 16-17 Setembro 2005.

Recebido em 25 de junho de 2009.

Aceito em 19 de novembro de 2009.